ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: LEITURA DE MUNDO ATRAVÉS DE CONCEITOS E MAPAS[1]

GEOGRAPHY TEACHING IN EARLY YEARS: WORLD READING THROUGHOUT CONCEPTS AND MAPS

Juliana de Jesus Santos[2]
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Resumo: A formação de profissionais críticos e reflexivos se torna necessidade diante do acelerado mundo competitivo. Nesse sentido, a busca por novos caminhos para os professores que atuam na primeira fase do Ensino Fundamental e alunos críticos, conscientes, dar-se-á a partir das transformações que precisam ser realizadas no cenário atual de nossas escolas. Em função destas questões, este trabalho tem por objetivo destacar a importância da construção de conceitos geográficos pela criança, especificamente o conceito "lugar", que contribui para a compreensão do mundo em que vivem e atuam. Intimamente relacionada à edificação do conceito de lugar, será abordada a relevância da cartografia nos anos iniciais, possibilitando às crianças uma variedade de representações para o estudo dos lugares e do mundo.
Palavras-chave: *Geografia; Ensino-aprendizagem; Conceitos Geográficos; Cartografia.*

Abstract: The formation of reflective practitioners becomes a critical need considering the fast competitive world. So that, the search for new paths by teachers, who work in the first stage of elementary school students, will occur from the changes that

[1] Este artigo resulta da parte teórica de uma pesquisa monográfica concluída e defendida no ano de 2008

[2] Licenciada pelo Curso de Geografia da UFG – Campus Catalão. Aluna do Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos do Departamento de Pedagogia da UFG – Campus Catalão e membro integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA). E-mail: juliana_ufg@yahoo.com.br

need to be made in the current scenario of our schools. In light of these issues, this study aims at highlighting the importance of the geographical concepts construction by the child, specifically the concept of "place" that contributes to understanding the world we live and work in. Closely related to that construction of place concept, it will be shown the importance of cartography in early years, allowing children be in touch with a huge variety of representations which is important to places and to the world.
Keywords: *Geography; Teaching and learning; Geographical Concepts; Cartography.*

Introdução

Se por um lado, a rapidez com que hoje se tem acesso às novas informações e comunicações nos leva a buscar constantemente o apoio de várias tecnologias que permitem um aprimoramento dos conhecimentos necessários; por outro, nesse mundo globalizado, não podemos deixar de recorrer aos conceitos básicos fundamentais para o ensino de Geografia, como lugar, paisagem, região, território, natureza, conceitos que permitem entender as diferentes concepções de mundo e a transformação da sociedade.

Ao discutirmos sobre o ensino de Geografia levado a efeito nos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que ainda permanecem dúvidas sobre *o que* ensinar e de *que forma*, visto que nesses anos os alunos estão no início da escolarização, quando descobrem a cada dia, um mundo repleto de possibilidades. É importante que nesses anos as crianças comecem a construir uma noção de espaço e a entender sua organização. Isso propiciará, para esses alunos, uma análise mais integrada das realidades sociais quanto à sua configuração espacial.

Entretanto, não devemos nos esquecer que o processo de construção das noções do espaço deverá ser adequado aos estágios de desenvolvimento cognitivo de cada criança[3]. O professor deve mediar todo o processo, verificando a cada momento o grau de

[3] Para a discussão no campo da percepção de desenvolvimento humano da criança, a pesquisa se ancora nas teorias piagetianas.

dificuldade que a criança tem e criar atividades que atendam às reais necessidades de cada uma delas. Como se percebe, este é um processo contínuo, que valoriza a ação e a reflexão, pois é a partir de então que se estruturará o conhecimento.

Partindo dessa perspectiva, esse artigo tem por objetivo o estudo da construção de conceitos geográficos realizado pela criança, especificamente o conceito *luga*r e a relevância da cartografia nos anos iniciais, possibilitando às crianças uma enorme variedade de representações para o estudo dos lugares. O texto está dividido em três partes bem distintas: na primeira parte foi trabalhado o conceito *lugar* que é edificado pela criança. A segunda parte atentou-se em retratar a importância da Cartografia para a formação dos alunos no início da escolarização e, para finalizar, as considerações finais que faz um breve apanhado de toda discussão.

No que se refere à metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, buscando referenciais teóricos que tratam das temáticas em questão. Os resultados obtidos sugerem que o estudo proposto na pesquisa pode ser ampla fonte de contribuição para que os professores atuantes nesses anos possam desenvolver metodologias de ensino que valorizem o lugar de vivência de seus alunos e a alfabetização cartográfica.

A construção do conceito lugar pela criança

Dentre outros conceitos importantes na disciplina de Geografia Escolar que poderia ser abordado, optamos por discutir a importância da categoria *lugar* na educação básica, uma vez que devemos considerar o todo desse nível de ensino para que possamos exercitar nossa cidadania e compreender o mundo.

A ciência geográfica aplicada às séries iniciais deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço em que estuda, em que os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e que se encontram inseridos no processo de desenvolvimento. De acordo com essa perspectiva, devemos descartar definitivamente aquela Geografia que mostra um panorama do homem e da terra, fazendo uma descrição puramente enciclopé-

dica, onde o aluno se torna um ser neutro, sem criticidade, incapaz de identificar o mundo que se encontra ao seu redor.

Partindo desse pressuposto, o estudo do *lugar* constitui uma alternativa metodológica bastante específica do ensino de Geografia, proporcionando a abordagem das questões ambientais, sociais, econômicas, culturais, em que ganham destaque a observação, a representação, a compreensão, a avaliação e a intervenção em processos físicos da natureza. De acordo com Callai,

> estudar e compreender o *lugar* em Geografia significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar (2002, p. 84).

Pensamos na verdadeira construção dos conceitos a partir de nossa própria vivência e que, ao ser construído com crianças desde os anos iniciais, seja um instrumento significativo de entendimento para compreensão das relações humanas. Nessa perspectiva, não devemos trabalhar com conceitos produzidos; ao contrário, é preciso oportunizar ao aluno o seu próprio conceito, facilitando a compreensão e formação da consciência crítica em relação ao seu lugar de vivência.

Devemos partir do *lugar* próximo e ensinar nossas crianças a construir conceitos, estabelecendo elos entre o construído e o vivido. O conceito, assim compreendido e edificado, impulsiona o desenvolvimento das funções mentais, pois exige uso de muitas habilidades, como: comparação, generalização, abstração, análise, síntese, relação, dentre outros.

Os conceitos são fundamentais à compreensão da realidade, pois permitem à criança captar a essência dos objetos e coisas em geral, bem como suas particularidades para pensar o processo ensino-aprendizagem da Geografia Escolar. A partir do descrito, é possível afirmar que existem autores como Francischet (2002), Straforini (2004) que nos alertam para a importância de ensinar às crianças os conceitos geográficos, como por exemplo, o *lugar*.

Straforini (2004), ao fazer uma reflexão a respeito da categoria *lugar*, afirma que este "precisa ser entendido como ponto de encontro de espaços locais e globais", visto que o lugar permite em si o mundo, entendido pelo autor em questão como "totalidade-mundo", comportando características específicas, individuais, porém diversas. Já na concepção de Francischett (2002) devemos desenvolver um trabalho que "respeite a realidade vivida do aluno", contribuindo, assim, para a relação entre o conhecimento adquirido no seu espaço de vivência, o que nos leva a compreender o *lugar* como sendo resultado da história de nossas vidas.

Ao fazer a leitura do *lugar* conhecido, desencadeia-se o processo de compreensão da realidade no dia a dia pela criança. É a partir do *lugar* concreto que se extraem elementos para pensar o mundo e confrontar com outros lugares não conhecidos. A apreensão e o entendimento do *lugar* vivido se revestem de significado importante, porque passam a exercerem um papel fundamental na construção do cidadão crítico e criativo, no sentido de favorecer uma leitura plena de mundo.

No que consta o papel da escola, esta deverá atender a essas necessidades de leitura de mundo e entendimento do *lugar* e mundo, o que exige um trabalho coletivo utilizando-se de mecanismos que garantam uma prática disciplinar, identificando a realidade vivida do aluno, construindo um sentimento de identidade e pertencimento.

É importante ressaltar que o *lugar* é a dimensão de nossa ligação e identidade com as paisagens de modo geral. Por isso, não deve ser considerado apenas o que vemos, mas o que sentimos e o pertencimento a alguma coisa. Assim, quando levamos em consideração as experiências dos alunos em sua relação com as paisagens próximas e o sentimento afetivo que estas possuem para com essa realidade, temos a clareza de que as crianças poderão fornecer importantes elementos da construção do *lugar* através do vivido.

As condutas e atitudes das pessoas em relação ao seu espaço de vivência estão relacionadas aos valores que elas atribuem às paisagens. Assim, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia,

> O sentimento de pertencer a um território e a sua paisagem significa fazer dele o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles. Nesse contexto, a categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos afetivos [...]. O lugar é onde estão as referências pessoais e os sistemas de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. É por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 2001, p. 29).

O professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem deverá fazer a intervenção no sentido de constituir a conexão entre o que o aluno aprendeu em seu cotidiano e o que será apresentado para aprender, a fim de que a nova aprendizagem seja capaz de enriquecer, cognitivamente, o seu nível de percepção, ajudando os alunos a entenderem o *lugar* cuja compreensão é condição importante para leitura eficaz de determinadas paisagens.

Retomamos a ideia de que não basta apresentar o conceito pronto e acabado com a finalidade dos alunos assimilarem. É preciso construir o conceito confrontando com a identidade do *lugar* para que possa resultar em processo significativo de ensino-aprendizagem. Um aluno que sabe compreender a realidade em que vive, conseguindo perceber que o *lugar* é construído pelos homens/sociedade, conseguirá estudar espaços mais distantes e compreender, indo além dos limites do aprender.

Diante de todas as considerações já realizadas, afirmamos que compreender o mundo, a partir do *lugar*, é um grande desafio e, quando estamos tratando com alunos dos anos iniciais, esse desafio toma-se uma dimensão bastante ampla. Com o intuito de vencê-lo, devemos estimular as crianças a pensarem sobre o espaço vivido/percebido, objetivando que elas possam avançar cognitivamente no que tange à capacidade de interpretação de espaços cada vez maiores.

Contudo, nessa construção de conhecimento, devemos respeitar as fases de desenvolvimento cognitivo das crianças, ou seja, trabalhar com cada uma de acordo com as habilidades já adquiridas, não forçando algo mais complexo fora de sua capacidade de compreensão. Nesse sentido, Castrogiovanni nos informa:

> as noções de espaço vão desde o espaço vivido, aquele que a criança representa pela participação-ação e conhecimento, o espaço percebido, onde o aluno consegue realizar uma ordenação de ideias a partir do que observou, até o espaço concebido, onde se envolve o poder de representação, sem que necessariamente o aluno tenha conhecido na prática o espaço representado (2003, p. 36).

Considerando a análise aqui citada quanto ao espaço vivido, vale salientarmos que é justamente nesse momento que devemos explorar lugares que são constantemente visitados pelas crianças, como por exemplo, a casa, a rua, o bairro, a cidade, enfim, criarmos relações de vivência, para que seja mais fácil o entendimento de espaços mais complexos, como o Estado e o País.

Quando se lida com a noção de espaço percebido, notamos uma capacidade maior de abstração por parte dos alunos, sendo que não se torna necessário o contato direto com determinado *lugar*, ou seja, a criança necessita apenas conhecê-lo ou ter passado por ele em algum momento. No desenvolvimento dessa etapa de percepção espacial pelo aluno, é interessante desenvolver habilidades que irão subsidiar, através de representações (desenhos), uma ampla percepção do *lugar*.

Já no que tange ao espaço concebido, notamos que a criança se encontra em um estágio mais avançado de desenvolvimento cognitivo, visto que já é capaz de fazer a representação mental de um determinado espaço sem nunca ter ido a tal espaço, além de conseguir realizar pequenas operações em mapas.

Intimamente relacionado com as noções espaciais, devemos recorrer à história de vida do aluno dentro do seu espaço de vivência, onde cada acontecimento seja respeitado, possibilitando uma compreensão mais nítida entre a relação do aluno com o saber geográfico. Nesse sentido, descreve Charlot

> é preciso levarmos em conta a singularidade do aluno. Um aluno não é apenas uma criança de tal família, não é apenas um membro de um grupo sociocultural. Ele é também sujeito, com uma história pessoal e escolar. É um aluno que encontrou na

> escola tais professores, tais amigos, tais aulas, e que teve surpresas boas e más. É uma criança cujos pais disseram que o que se aprende na escola é muito importante para vida ou, ao contrário, que não serve para nada. É uma criança que tem irmãos e irmãs ou não, que são bem-sucedidas na escola ou não e que podem ajudar a criança ou não, etc (2000, p. 171).

A relevância do estudo de Geografia introduz-se nesse âmbito, no anseio de concretizar a leitura do mundo, ou seja, esclarecer as relações que ocorrem na sociedade de acordo com determinado tempo e espaço. Entretanto, diante da tarefa de ensinar sobre essa leitura de mundo e do *lugar* de vivência, precisamos ter claro que o espaço escolar é um local onde a formação de crianças, adolescentes e adultos pode resultar em uma construção prática e teórica.

Tal formação pode levar à superação de atitudes passivas diante da realidade, transformando-as em ativas no exercício de cidadania, baseada no coletivo, na indignação ética, no comprometimento conjunto de se fazer surgir um viver democrático, uma sociedade plural, onde o respeito aos diferentes grupos que a constituem seja valor maior a ser efetivamente vivenciado.

Trabalhando nessa perspectiva da construção de noções do espaço, é necessário entendermos que "ensinar é mediar o que o aluno pode construir e, depende da maturidade de quem aprende, da metodologia de quem ensina e do entendimento e respeito do contexto onde ocorre a aprendizagem" (CASTROGIOVANNI, 2003, p.27).

Assim, para a compreensão da relevância do conceito de *lugar*, para os anos iniciais e a diferença dos espaços escolares entre o urbano e o rural, é fundamental associarmos distintas práticas referenciadas a uma dimensão do *lugar* concreto e vivido. Vários são os lugares que o professor poderá desenvolver atividades que sejam significativas para o aluno. Por atividades significativas entendemos que

> é nesse processo de ensino geográfico do qual faz parte o lugar que precisamos desenvolver com os alunos habilidades espaciais para o aprendizado de conceitos geográficos e cartográficos, por

> meio de sua relação direta com o espaço vivido e, a partir deste momento ampliar seus horizontes estabelecendo pontes que interligam a outros lugares mais distantes como um todo (ROSA, 2008, p. 82).

Desta forma, saber olhar o *lugar* permeado pelas experiências daqueles que o observar e desenvolver atividades associadas ao cotidiano, torna-se significativo para o processo de ensino-aprendizagem com a participação das ciências geográfica e cartográfica. Estas, em conjunto, assumem uma importância singular, sobretudo, por estudarem e representarem o espaço geográfico, como dimensões de uma mesma realidade. Nessa ótica é essencial destacar no próximo item a importância cartográfica para a formação de crianças em idade escolar.

A importância da cartografia para a formação de crianças em idade escolar

O estudo da linguagem cartográfica tem reafirmado, cada vez mais, a sua importância enquanto um instrumental básico para aprendizagem geográfica. Esta linguagem contribui para que o aluno venha a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, o mapa, ampliando sua capacidade de comunicação. Sobre as funções do mapa, Santos (1997, p. 43) faz a seguinte consideração:

> os mapas têm duas funções distintas e não excludentes. A primeira é a de localizar os fatos; a segunda a de apresentar informações quantitativas, ordenadas ou qualitativas. Desse modo, os documentos podem desencadear raciocínios sugerindo e respondendo questões.

A educação cartográfica torna-se indispensável para o estudo do espaço, possibilitando ao aluno a compreensão de uma nova linguagem, que é codificada e permite a representação de um espaço real. O mapa se apresenta como um "símbolo" da Geografia na escola e parte da representação social que alunos e professo-

res fazem do que é aprender Geografia.

Como os mapas são representações gráficas do espaço codificadas numa linguagem simbólica que precisa ser elaborada mentalmente, o trabalho com mapas na sala de aula deve ser precedido de um período em que a representação se forma a partir da dissociação dos significados e significantes. É neles em que se constroem, lenta e gradativamente, as relações espaciais e a própria consciência do mundo. É preciso lembrar que essas "são representações mais ou menos parciais da realidade [...] não é possível considerar que elas são o reflexo, o espelho ou a fotografia da realidade" (LACOSTE, 1989, p.74).

Ao iniciar um processo de ensino-aprendizagem com mapas, é importante que o professor tenha clareza dos objetivos da educação cartográfica que ele quer desenvolver. Nesse sentido, é interessante que a educação cartográfica possibilite aos alunos, sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, posicionarem criticamente no mundo, com uma maior compreensão da realidade. Isto poderá acontecer no momento em que o professor começar a explorar as relações de poder que estão presentes nas manifestações do cotidiano dos alunos, como um objeto de estudo, levando-os a entender melhor as relações existentes entre o que eles aprendem na escola e o que vivem no dia-a-dia.

Porém, aprender a ler e a representar o espaço através dos mapas pressupõem, por parte do aluno, a capacidade de abstração. Essa capacidade de abstrair e de entender o conceito de espaço não acontece como num estalar de dedos, mas é um processo lento, que deve ser desenvolvido em diversas etapas, respeitando os estágios de desenvolvimento cognitivo dos alunos. Em cada uma das fases, diferentes aspectos caracterizam suas relações com o mundo físico e social. São diferentes formas de agir e pensar o espaço geográfico que deve ser lido e representado. Essa aprendizagem deve ser implementada desde os primeiros anos, prolongando-se até o final da primeira fase do Ensino Fundamental.

Para Piaget (1997), a criança passa por períodos de desenvolvimento de estruturas cognitivas: Período Sensório Motor (aos dois anos de idade), Período Pré-operatório (dois aos sete anos),

Período Operacional Concreto (sete aos onze anos) e Período do Pensamento Formal (onze aos quinze anos). Ao passar por essas fases, a criança precisa ter vivido a lateralidade, orientação, sentido de referência, tamanho, forma, distância para ser capaz de ler, entender e fazer a representação de um espaço em outra dimensão que não a real.

Após essa formação inicial a criança deverá ter passado pelo espaço vivido, espaço percebido e espaço concebido. Para Callai (1998, p. 69) o conceito de espaço é "uma abstração da realidade, construído a partir da realidade em si, na compreensão do lugar concreto de onde se extraem elementos para pensar o mundo". É importante acrescentar que o conhecimento do espaço é um elemento essencial para o aprendizado da cidadania e se inicia com o nível do concreto para o abstrato, começando pelas relações topológicas, projetivas e euclidianas[4].

Em sua análise a respeito das relações espaciais, Passini (1994) conclui que as relações espaciais topológicas são a base de todo um processo de desenvolvimento cognitivo, pois são as primeiras noções de espaço construídas pela criança. Nesta fase, a criança vive novas experiências, descobrindo a noção de lado, frente, fora, longe, perto, atrás; ou seja, a criança desenvolve atividades mais simples que posteriormente serão enriquecidas, possibilitando-lhe desenvolver atitudes mais complexas, passando então para outro estágio de desenvolvimento cognitivo, no qual destaca a fase das noções espaciais conhecida como relação projetiva.

Na relação espacial projetiva, a criança desenvolve a cada dia novas habilidades, como por exemplo, a lateralidade, ou seja, noção de reta, direita, esquerda. Com o aprendizado dessa relação, a criança dará os passos que permitem a transposição da orientação corporal para a geográfica, estabelecendo noções de norte/sul e leste/oeste num espaço de três dimensões ou no mapa. Contudo, é necessário fixarmos que a criança somente conseguirá projetar

[4] Relações Espaciais: Topológicas são auxiliares para a compreensão de limites e fronteiras, assim como na organização do espaço, espacialidade e na leitura de mapas; Projetivas, o referencial é móvel, a posição dos objetos no espaço depende do ângulo de vista do observador; e Euclidianas refere-se ao sistema referencial fixo, formado por um sistema de coordenadas (paralelos e meridianos).

essas posições para si, sendo que, somente mais tarde, por volta dos oito anos, definirá as orientações para uma pessoa que esteja em sua frente.

Quanto à relação euclidiana, percebemos que esta resulta das relações anteriores, topológicas e projetivas. Nesse momento, a criança apresenta total desempenho de suas habilidades de coordenação motora e consegue realizá-la sob um plano de coordenadas, isto é, aplicará conhecimentos já adquiridos para se localizar. Assim, podemos verificar que, nessa relação, a criança trabalhará com dois eixos de coordenadas que podem ser observados no mapa: paralelos (linhas no sentido horizontal) e meridianos (linhas no sentido vertical). Dessa forma, cabe dizer que a criança, nessa etapa de desenvolvimento cognitivo, tem capacidade de desenvolver a leitura e a interpretação de mapas, conseguindo chegar à exatidão da representação das distâncias métricas e às reduções proporcionais.

Como percebemos, a construção do espaço ocorre desde o nascimento e se processa gradualmente nos planos perceptivo e representativo até chegar ao aprendizado do mapa e entender as noções de lugar, paisagem, território, região, entre outras. Dessa forma, vivendo em um determinado lugar, a criança desde cedo começa a construir suas noções de mundo, sabendo e gostando de representá-las por meio de desenhos. Com essas noções e relações espaciais, ela atribui significados ao que compreende acerca do mundo em que vive.

Muitas vezes, no início da educação cartográfica, os alunos não entendem conceitos espaciais utilizados pelos professores. Isso acontece por causa da linguagem utilizada pelo professor que, com grande frequência, esquece que a representação do espaço para o aluno, principalmente nos anos iniciais e no Ensino Fundamental, envolve traços muito próximos do real. Para resolver esse problema, as atividades de orientação e localização dos recortes espaciais devem partir do espaço próximo desses alunos, da realidade vivida e experimentada para o espaço distante (de uma realidade que eles não conhecem e que exige um maior nível de abstração). De acordo com Lombardo,

> a aprendizagem é mais fácil e duradoura também quando o que está sendo aprendido é vivenciado. Vivenciar uma situação de aprendizagem é mobilizar ação e comunicação, pensamento e linguagem; é assim que a criança vai atribuindo significado àquilo que aprende (1994, p. 32).

Como a Geografia se propõe a fazer leituras das relações sociais que ocorrem num determinado recorte espacial, é importante, como já destacamos anteriormente, que nos anos iniciais os estudantes comecem a construir uma noção de espaço e a entender sua organização. Isso propiciará, a esses alunos, uma análise mais integrada das realidades sociais quanto à sua configuração espacial.

Contudo, não devemos nos esquecer que o processo de construção das noções do espaço deverá ser adequado aos estágios de desenvolvimento cognitivo de cada criança. O professor deve mediar todo o processo, verificando a cada momento o grau de dificuldade que a criança tem e criar atividades que atendam às reais necessidades de cada uma delas. Cremos que este é um processo construtivista, que valoriza a ação/reflexão, pois é ela, a criança, que estruturará o conhecimento.

Temos por características básicas da alfabetização cartográfica o desenvolvimento da capacidade de leitura, comunicação oral e representação simples do que está impresso nas imagens, desenhos, plantas e maquetes. Dessa forma, podemos concluir que o aluno precisa apreender os elementos básicos da representação cartográfica para que possa, definitivamente, ler o mapa. Rosa ressalta que

> ensinar os alunos a ler e obter informações em diferentes tipos de mapas é uma forma de promover a construção de procedimentos que lhes permitem localizar objetos e lugares para se deslocarem com sucesso. Esses procedimentos também lhes possibilitam utilizar os mapas enquanto fontes de pesquisa que sintetizam informações sobre lugares, regiões e territórios e diferentes partes do Brasil e do mundo. Aprender a ler mapas, bem como saber utilizá-los como uma representação do espaço

> que segue as regras dos vários sistemas de projeção e tem uma linguagem específica, é essencial para a formação do cidadão autônomo (1999, p. 52).

Para ler o mapa e entendê-lo, é necessário que ocorra a alfabetização cartográfica, ou seja, dar conta de representar lugares, fatos, fenômenos sempre utilizando das noções cartográficas necessárias para tal tarefa. Assim, entendemos que a leitura do espaço através de mapas adquire ampla relevância, pois um leitor crítico do espaço é aquele capaz de ler o espaço real e a sua representação, o mapa. De acordo com essa perspectiva, afirma Castrogiovanni:

> o aluno precisa desenvolver a lateralidade, a orientação, o sentido de referência em relação a si próprio e em relação a outros, o significado de tamanho e distâncias. Essas habilidades permitirão ao aluno ser capaz de fazer mapas, ler mapas e entender a representação de um espaço noutra dimensão que não a real (2000, p.106).

Na visão do autor citado, vemos que desde os anos iniciais é possível trabalhar uma Geografia capaz de construir seres conscientes de sua realidade. Porém, para sermos professores comprometidos com um ensino cartográfico que tenha utilidade na vida do aluno, é indispensável trabalharmos com o desenvolvimento de habilidades específicas relacionadas com a disciplina de Geografia, como desenhar, estimular o hábito de leitura, interpretação, análises de mapas e cartas geográficas, assim como o manuseio de outros recursos que se julgarem necessários para um aprendizado mais aprofundado sobre as mais variadas representações.

Enfim, o processo ativo de mudanças e transformações sugere novas formas de pensar, ensinar e explicar. Desde o Ensino Fundamental é necessário o entendimento cartográfico. Ele se dará por múltiplos caminhos interpretativos e há uma enorme gama de novas possibilidades entre professores e alunos para a compreensão do aprendizado cartográfico.

Considerações finais

Ensinar Geografia não é tão simples como parece, já que, até mesmo alguns professores, com formação específica na área, têm dificuldades para compreender e relacionar alguns conceitos/conteúdos. Assim entendido, verificamos que a disciplina de Geografia que se ensina nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve possuir uma instrumentalização através de subsídios, como orientação metodológica, atividades lúdicas, palestras, produção de material didático para ajudar na aprendizagem, participação em reuniões da escola para debater os problemas decorrentes do trabalho em sala de aula, entre outros.

No que tange ao ensino de Cartografia nos anos iniciais, este deve promover a interrelação com as demais áreas do currículo escolar. É importante considerarmos, no ensino Geográfico, as mudanças para a nova realidade do mundo atual, com a velocidade da informação que supera distâncias e os problemas do cotidiano. Tais mudanças exigem que o professor esteja preparado para os exercícios interdisciplinares e para as práticas e procedimentos didáticos inovadores, efetuando correlações que favoreçam a aplicação do conhecimento cotidiano. Assim, os alunos desde cedo aprendem a conhecer os mapas através das habilidades espaciais, adquiridas como fonte preciosa de informação.

É necessário sabermos que não basta apenas mudar a relação professor-aluno para darmos conta das novas necessidades expostas na escola, ou seja, é preciso mudar as estruturas, a forma de avaliar dentro da escola, os conteúdos se relacionarem com a comunidade, vida e mundo. Nesse sentido, torna-se concreta a possibilidade de fazer do ensino de Geografia um caminho para compreender a realidade em que se vive.

Partindo desta perspectiva, poderemos iniciar esta aprendizagem com as crianças pela edificação do conceito geográfico *"*lugar*"*, possibilitando-as a identificarem o espaço mais próximo e outros mais distantes, fazendo-as compreenderem o desenvolvimento humano nestes espaços, ou seja, a função social do homem no espaço geográfico.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental:** documento introdutório. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização** - questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de Geografia:** Práticas e textualizações do cotidiano. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia**: Práticas de textualizações no cotidiano. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R. Z. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos**: a alfabetização espacial. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino de Geografia**: construindo caminhos do cotidiano. São Paulo: UNICENTRO-UNICAMP, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra,1997.

KATUTA. A. M. As dificuldades dos alunos de 5ª e 8ª séries no uso de redes geográficas e sua conceituação. In: **Boletim de Geografia.** Maringá – PR, v. 19, n. 2, p. 179-186, 2001.

LOMBARDO, M. A. Universidade e Comunidade na Gestão do Meio Ambiente. In: **Educação Ambiental como subsídio à escola do futuro**. UNESP. Rio Claro, SP. 1997. p. 52-101.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e o Livro Didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

PÉREZ, C. L. V. Leituras cotidianas e espaços praticados: imagens do conhecimento do mundo. Uma reflexão teórico-metodológica sobre a função alfabetizadora da Geografia nos anos iniciais da Educação Fundamental. In: **GT: Educação Fundamental / n.13**. São Paulo, p. 01-18.

PÉREZ, C. L. V. Leituras do mundo/Leituras do espaço. Um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. In: GARCIA, R. L. (org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. 2 ed. São Paulo. Cortez Editora, 2004.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 17ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difel, 1978.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coord.) **As crianças**: contextos e identidades. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Braga, 1997.

ROMANO, S. M. M. A compreensão da linguagem geográfica através da linguagem cartográfica: a importância de aprender usando conceitos – para professores do Ensino Fundamental Básico. In: **XIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**. João Pessoa, 2002, p.1-8.

ROSA, O. **A cartografia na escola rural – Ações e proposições para 5ª série**: um estudo de caso. (Dissertação de Mestrado) UNESP: Presidente Prudente, São Paulo, 1999.

ROSA, O. **Geografia e Pedagogia: o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Catalão (GO)**. (Tese de Doutorado) UFU: Uberlândia, MG, 2008.

SANTOS, J. J.; CHAVES, M. R. Valorização do ambiente de vivência no ensino de Geografia: produção de material didático para escolas do Município de Catalão (GO). In: **XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIMIELLLE, M. E. R. **Primeiros Mapas: como entender e construir**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1993.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nos anos iniciais**: o desafio da totalidade mundo. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001. 155 fls.

Recebido em 03 de abril de 2008.
Reformulado em 30 de julho de 2008.
Aprovado em 08 de outubro de 2008.